

Opinião

opinião@rac.com.br

“Hoje o que se vê é o acúmulo de situações que não foram sendo resolvidas durante os anos”

Dirceu Romero, sobre a situação de abandono da concha acústica e auditório no Parque Portugal, em Campinas.



verissimo

Responsabilização

O Christopher Hitchens disse certa vez que se fizera uma promessa: não leria mais nada escrito pelo Henry Kissinger até que fossem publicadas suas cartas da prisão. O Hitchens já morreu, o Kissinger continua escrevendo (seu último livro é sobre a China) e são poucas as probabilidades de que venha a ser julgado, o que dirá preso, pelo que aprontou no Chile e no Vietnã, por exemplo. Sua posteridade como estrategista geopolítico e conselheiro de presidentes está assegurada, ele morrerá sem ser responsabilizado por nada e não serão seus inimigos que escreverão seu epitáfio.

O juiz espanhol Garzón, aquele que mandou prender o Pinochet, estava mecendo com o passado franquista da Espanha, também atrás de responsabilização, e bateu de frente com a reação. Recorreram a um tecnicismo de legalidade duvidosa para barrá-lo. Lá também se invoca uma Lei da Anistia para impedir uma investigação dos crimes da ditadura. Anistia não anula responsabilização. A partir do tribunal de Nuremberg que julgou a cúpula nazista no fim da Segunda Guerra Mundial, passando pelos julgamentos de tiranos em cortes internacionais desde então, o objetivo buscado é a responsabilização, que não tem nada a ver com retribuição, vingança ou mesmo justiça. Até hoje discute-se a legalidade formal, de um ponto de vis-

ta estritamente jurídico, dos processos em Nuremberg, mas era impensável, diante da enormidade do que tinha acontecido, e sob o impacto das primeiras imagens dos corpos empilhados nos campos de concentração nazistas recém liberados, que eles não se realizassem. Alguma forma de responsabilização era uma necessidade histórica. Com alguma grandiloquência se poderia dizer que a consciência humana a exigia.

A tal Comissão da Verdade que se pretende no Brasil responderia à mesma exigência histórica, além da necessidade de completar a história individual de tantos cujo destino ainda é desconhecido. A julgar pela rapidez com que, aos primeiros protestos de evangélicos e bispos católicos, o Gilberto Carvalho correu para lhes dizer que a posição do governo em relação ao aborto continuaria retrógrada como a deles, pode-se duvidar da disposição do governo para enfrentar a reação que virá, como na Espanha do Garzón, ao exame do nosso passado e a responsabilização dos seus desmandados. Vamos torcer para que, nesse caso, a espinha do governo seja mais firme.

Pois, sem responsabilização, as histórias ficam sem fim, soltas no espaço como fiapos elétricos, e o passado nunca vai embora.

■ Luis Fernando Verissimo é jornalista e escritor

dalcio



BRASIL

O perigoso pleno emprego

HORÁCIO BRAGA

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a pesquisa de Emprego e Salário (<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas>), mostrando que 2011 fechou com desemprego de 6,0% (1,1 milhão de pessoas), sem dúvida um feito histórico! Tal índice pode ser considerado, sob a ótica da economia, situação de pleno emprego. Não tenho dúvidas sobre os dados da pesquisa, mas há perigos escondidos em meio a eles, que merecem reflexão. Devemos considerar que a medição inclui dezembro de 2011, mês historicamente de alta nas contratações.

Outro dado interessante foi a alta do rendimento médio real de 2,7%, chegando a R\$ 1.625,46, mas inferior ao período de 2010, de 3,8%, ou seja: o desemprego diminuiu e também a renda média do trabalhador. Isso pode ter como causa principal a crise externa e seus efeitos sobre a economia brasileira. Acontece que, para a taxa de desemprego seguir caindo, é preciso que o Produto Interno Bruto (PIB) alcance no final de 2012 algo em torno de 3% de crescimento efetivo.

Considerando que o reajuste de 14,26% do salário mínimo a partir de janeiro, conjugado a uma inflação menor (caso ocorra), auxilia no aumento médio real do trabalhador, preservando o poder de compra com impacto positivo na renda, que por sua vez reflete na demanda agregada e potencializa o tão desejado cresci-

mento do País. Tudo o mais constante, são fatos conjugados podem reduzir o desemprego, aumentar o lucro das empresas e a arrecadação de impostos do Estado, é claro.

Temos de esperar 2012 acabar e a próxima pesquisa do IBGE para saber.

E há mais a examinar e interpretar na pesquisa, perigos camuflados nos números. Um deles é o desemprego menor entre aqueles com menos de 8 anos de estudo, 3,7% do total. Isso evidencia pessoas de baixa qualificação suprimindo vagas que pagam menores salários. São vagas mais baratas e fáceis de excluir da folha de pagamento das empresas, e mais vulneráveis a oscilações da economia. Do lado oposto, aqueles com mais de 11 anos de estudo, com Ensino Médio concluído e podem obter salários mais altos, são 4,5% do total. São vagas menos vulneráveis e mais difíceis de desaparecer com simples baixos da economia.

Entre os dois está o maior problema, pessoas com 8 a 10 anos de estudo, sendo

7% dos desempregados. Tal número se explica por ser pessoas que rejeitam ofertas de menor qualificação e salário, que são em maior número, mas não alcançam as exigências mínimas das melhores, cujo número de vagas é menor e a concorrência maior. Essa característica é própria de países em desenvolvimento.

Assim podemos concluir que: 1- Para quem estudou pouco e possui baixa qualificação, há boa oferta de emprego. Isso não resolve os problemas atuais e futuros do Brasil, perpetua o perigo de uma população que necessita ser assistida permanentemente pelo Estado; 2- Para quem possui o Ensino Médio e qualificação média, com potencial de crescimento de escolaridade, a oferta tem crescido ao longo do tempo. Isso converge para o crescimento da economia e do País, apontando para solução de alguns problemas; 3- Para quem completou ensino fundamental, não encontra o que satisfaz as exigências das ofertas de emprego. Isso continua a ser um problema e perigo que se agrava

com o tempo e modernização da economia brasileira, podendo ampliar a massa dos menos qualificados.

Portanto, considerando que entre os fatores de produção da economia — terra, capital e trabalho — no contexto atual, o trabalho é percebido como conhecimento adquirido e aplicado de modo eficaz à dinâmica dos negócios. Ou seja, uma exigência das organizações e seus consumidores. Sem incentivo à continuidade dos estudos e qualificação das pessoas que integram a PEA — População Economicamente Ativa, a economia não dispõe de meios ou ajustes que supram a falta de qualificação.

Por isso duas coisas muito importantes são o jovem estudar durante mais tempo, buscando entrar no mercado mais qualificado, visto que as exigências crescem ao longo do tempo, e o Estado deve dar boas escolas e condições para a qualificação.

As empresas cabe dar oportunidade aos qualificados mas ainda sem experiência, estimulando estudantes de hoje a se tornarem os profissionais de amanhã, preparados para oportunidades e perigos da economia globalizada, expandindo e interpretando melhor os cenários e não desperdiçando tempo e dinheiro.

De tantas conclusões que tiro da pesquisa é uma realidade mais positiva da economia brasileira. Mas fique-mos atentos, há perigos escondidos dentro do pleno emprego brasileiro.

■ Horácio Braga é administrador, especialista em Economia pela Unicamp, MBA em Finanças pelo IBMEC e professor do IBE/FGV Campinas e Jundiaí.



ARTE

Landina, literatura ou cinema?

MARTA FONTENELLE

Do que é feito um livro? De conhecimento. Sim, podemos assim responder. Do que é feito uma obra de arte, um filme, uma tela? Talvez, a melhor resposta seja: de muitas imagens, histórias, lembranças, memórias... Emoções! Imaginar o processo criativo de um trabalho artístico, criador pode ser tão interessante como admitir que as imagens estejam a tempo todo flutuando por um espaço cósmico, sem luz. E assim, as imagens, sem cessar, en-

tram em nossas vidas e partilham conosco a ficção que nos reserva a experiência humana. Nesta atmosfera me vi entregue à nova obra de Dayz Peixoto, a escritora cineasta, sempre zelosa pela cultura popular, sem afastar-se jamais de sua linguagem cinematográfica.

Houve um tempo — e assim, não tão distante — em que sentar-se e espilar pela janela um terreno iluminado por constelações e por uma lua dengosa era um momento tão corriqueiro quanto necessário para acietar o corpo cansado, digo mesmo, para tirar aquela “murrinha”, a qual meu velho pai se referia quando chegava ao fim de

uma jornada da lida diária, tempos aqueles de muito trabalho — braçal e artesanal — e de lembranças que eles, os mais velhos, nossos pais e avós tão bem souberam contar, com riqueza de detalhes e pérolas de uma memória afetiva de longo prazo.

Então, relembrando este gesto cotidiano, o de desfrutar de um céu negro e cintilante me dei para levar pela leitura prazerosa do novo livro da escritora Dayz Peixoto Fonseca, *Landina — os fios da memória*, publicado pela Pontes Editora (2012). Enquanto meus olhos deslizavam pelo papel intercalando o branco e o rosa, mais um item da oblação estética



é mesmo o que se pode denominar como um livro do reino do “bucólico” ou da “nostalgia vida no campo”, no rural. Landina é uma representação sensível de uma mulher, uma anônima mulher brasileira, sim! Que nasceu, aprendeu, amou, ensinou e em cada ciclo de vida soube imprimir um estilo indelével de ser: simples, forte e inesquecível. Pensar em Landina é sentir o perfume dos bogarins, o sabor do doce de feijo, de cidra, dos licores, do milho verde e das pamonhas. É também visitar os eventos de vida, dos filhos crescidos, da casa ficando vazia, da decisão de recomeçar a vida na velhice.

Quantas Landinas não temos ou tivemos em nossas vidas? Em nossos baús fotográficos, nas identidades de nossas mães, nossas avós? Pois bem, com essa simplicidade e ao mesmo tempo, sofisticada

linguagem do ameno, do que é intimista sem ser invasivo, Dayz Peixoto “esculpuiu” Landina, não só pelo domínio da escritura. Foi necessário mais que o verbo, mais que as palavras. Foi imperativo a permissão poética para misturar, sim, para agregar, compor esse amalgama entre escritura e linguagem imagética. Afinal, com uma vida dedicada a produções artísticas no campo da imagem, Dayz, a escritora de Landina, também é a cineasta de Landina, porque a obra nos arranca da página e nos coloca num set, nos palcos de nossa vida cotidiana, tão anônima quanto nossa, tão ordinária quanto extraordinariamente especial, porque é de mim, de você, de nosso passado que Landina trata.

■ Marta Fontenelle é jornalista e escritora